

OS HERODES DOS MONTES¹

Silva Guimarães



[3]² Depois de conservar-se por algum tempo silencioso, o sertanejo perguntou ao viajante:

— Ainda não estás com medo?

— Não, respondeu ele.

Ouçã então uma outra história bem horrível.

E principiou:

Este lugar já foi muito frequentado; desde porém, que coisas tão tristes nele se deram, principiou ficar abandonado.

Vou agora referir-te uma outra das muitas causas.

Numa sexta-feira santa estava toda a vila na igreja entregue à oração quando um bando numeroso de homens sinistros nela entrou em tropel.

O povo, indignado por ver o pouco caso com que os intrusos assistiam à cerimônia religiosa, principiou a murmurar e a olhar desconfiado para o bando desconhecido.

¹ GUIMARÃES, Silva. Os Herodes dos Montes (Contos da Serra, III). A *Crisálida*, São Paulo, ano I, n. 5, p. 3-4, 6 maio 1869.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

De repente um deles, de rosto largo, barbas cerradas e pretas, gordo e comprido, e que parecia ser o chefe, disse em voz alta:

— Que súplica de sevandijas! Estão todos admirados por ver homens civilizados abaixar-se até o nível deles dando-lhes a honra de assistir em sua companhia à esta cerimônia. Meus amigos, continuou voltando-se para os seus companheiros, estejam prontos para o que der e vier.

Nisto o sacerdote, um velho de 70 anos, voltando-se para os forasteiros, exclamou:

— Irmãos em Jesus Cristo! Sede atentos a estes sacrifícios que celebramos hoje, e admirai contritos a sublimidade do amor do Filho de Deus que tanto sofreu por nós e morreu. Não profaneis...

Não acabou a frase porque o chefe do bando atirou-se para ele e apertando-lhe a garganta, disse:

— Não gosto de sermões! Podes impingir aos teus comparoquianos tudo quanto quiseres, porém deixe-nos sossegados.

E deu-lhe tremenda bofetada.

O padre, atordoado com a violência da pancada, caiu redondamente no chão.

O povo atirou-se sobre o malvado.

O resto do bando veio em socorro de seu chefe e apagou as luzes do altar.

Deu-se então muita bordoadas na igreja.

O pau voava de todos os lados.

Os sons das pancadas atroavam os ares. As mulheres gritavam e procuravam fugir, mas em balde, porque estava trancada a porta da igreja.

Foi uma confusão horrível e um satânico combate.

O povo não tinha armas para defender-se e por isso lançava mão das cabeçadas.

De repente, no meio da maior confusão, o chefe e seu bando vendo que era tal o delírio da igreja que o povo esbordoava-se julgando fazê-lo nos intrusos, retiraram-se discretamente levando consigo os filhinhos das mulheres desmaiadas e o velho padre.

Quando viram-se fora da igreja montaram a cavalo os levando consigo.

Corriam por esta serra como endemoninhados.

Entretanto na igreja o sangue corria em abundância; os gritos e lamentos dos feridos e das mulheres misturando-se com as imprecações dos que combatiam, faziam um coro infernal e nunca visto.

De repente um grito ainda mais doloroso do que os outros, grito arrancado do fundo d'alma, fez ouvir na igreja.

Era o grito das mães que procuravam os filhos.

Os combatentes tomados de súbito pressentimento cessaram a luta.

[4] Um deles procurando lume no altar encontrou fósforos e acendeu as velas.

Novo grito, mas de horror e profunda dor, ecoou pelas abóbadas do Templo.

Foi quando o povo reconheceu que em lugar da luta ser com os estranhos fora com os amigos e parentes.

Quando viu cabeças quebradas, braços mutilados, corpos estendidos sem movimentos, mulheres desmaiadas e feridas, uma dor horrível confrangeu-lhes o coração.

A profanação fora sacrílega demais, cumpria que o castigo infligido aos seus autores e cúmplices fosse exemplar.

O povo saiu, portanto, aos poucos do Templo acompanhando e consolando as mulheres e mães

Muitos corpos de pessoas de ambos os sexos subiram dali para o cemitério.

Não tendo aparecido até o dia seguinte nem o velho padre nem nenhum dos salteadores, os aldeãos reuniram-se todos, armaram-se, e montando a cavalo dividiram-se em dois bandos, indo um para cima, e outro para baixo da serra.

Uma única mulher acompanhava o bando, e esta seguia o que ia para cima.

Era uma mulher a quem roubaram dois filhinhos na igreja e que enlouquecera de dor.

Quatro dias seguidos esteve a vila sem um único homem.

Só mulheres nela se viam e estas causavam dó ver-se.

Estavam pálidas, desgrenhadas, e pedindo em altas vozes ao céu que lhes entregasse os seus caros filhinhos tão desapiadadamente roubados aos seus afetos.

Preces contínuas, lamentos ininterrompidos, gritos que cortavam o coração, eis o que se via.

Era um triste espetáculo.

Dir-se-ia o dia do juízo final.

Na quinta noite depois que os aldeãos partiram em procura dos ladrões, o primeiro bando encontrou-os finalmente, porém tal foi o terror que se apoderou de todo ele, que nem teve ânimo de fazer coisa alguma.

Os ladrões estavam todos sentados no chão.

O velho padre amarrado a uma árvore, com o corpo todo pintado, estava na extremidade da assembleia com a cabeça erguida para o céu e mudo como uma rocha.

Só de vez em quando um som baixo e quase imperceptível saía-lhe, como que a custo, do peito, e como um protesto da natureza frágil do homem.

Ao seu lado direito estava uma grande colher pendurada à árvore em que ele estava amarrado.

Ao lado esquerdo havia um grande braseiro em que ardia um caldeirão que exalava um odor diabólico.

Os ladrões formavam um semicírculo, tendo em uma das extremidades o padre e na outra uma velha mulher cuja cabeça estava completamente desprovida de cabelos.

Esta entoava de pé uma canção lúgubre, acompanhando o canto com acionados seguidos.

Terminado o canto, foi ao braseiro, destampou o caldeirão, do fundo do qual levantou-se uma densa fumaça com um cheiro nauseabundo, e encheu uns copos com água que dele tirou.

Entregando então os copos aos seus companheiros, disse:

— Amigos, o fim único de nossa associação é procurar o filtro que deve eternizar-nos a vida. Já encontramos-lo há muito. Nossas forças aumentam-se diariamente com esta bebida succulenta. Ergamo-nos, pois, e encarando o astro da noite, bebamos até as fezes estes copos que contém a vida e a força.

Todos puseram-se de pé e iam esvaziar os copos quando unissonamente deram o mesmo grito:

— Às armas! — gritaram eles.

Tinham visto e reconhecido os aldeãos.

Estes atiraram-se com ímpeto contra os ladrões, aprisionaram-lhes o chefe e mataram aqueles que não conseguiram fugir.

Quando foram soltar o padre, encontram-no morto com uma punhalada no coração.

A aldeã que os acompanhou dirigiu-se então para o caldeirão a ver o que nele se continha.

Deu um grito e caiu.

Estava morta.

Os homens foram então a seu turno examinar o que seria aquilo.

Junto no caldeirão encontraram as duas cabeças decepadas dos filhinhos da falecida.

No caldeirão estavam os restos dos membros.

Carregaram o corpo da infeliz, e do padre, a velha e o caldeirão, e levaram tudo para a vila.

Ali chegados, e depois de cumpridos os deveres de religião para com os dois corpos, formaram um tribunal composto de anciãos, e para ele levaram a velha e o chefe dos ladrões.

Este contou o seguinte:

*

— Homem sem instrução, e ambicionando a ser eterno como Deus, ouvi falar muitas vezes num filtro até então desconhecido, mas cuja virtude seria de prolongar indefinidamente a vida e dar forças.

“Arranjei alguns companheiros propensos, como eu, à vida errante, e principiamos a fazer tentativas a fim de descobrir o segredo da vida.

“Esta velha, (e apontou para sua companheira) sabendo dos nossos fins veio uma noite ter comigo e disse-me pouco mais ou menos o seguinte:

“ ‘O que procuras? A vida? A força? Tudo isto vos darei. Em primeiro lugar, para adquirir-se uma vida eterna, é preciso bebê-la onde ela estiver ainda em começo. Isto só se encontra no corpo do recém-nascido porque este tem-na em gérmen. Bebendo nós a vida que ele devia ter, possuímos duas, a nossa e a dele. Quanto à força, o mesmo se dá.’

“Admiti-a a nossa associação.

“Não trepidei nos meios de haver crianças.

“Há bastante tempo que isto faço.

“Não me arrependo disto porque foi o expediente de que lancei mão para obter dinheiro, e o mais que desejava.

“Posso agora morrer.”

Quanto à velha, esta repetiu o mesmo que seu cúmplice.

Foram ambos condenados à fogueira.

Quando nela entraram ambos gritaram:

— Miseráveis! Só assim conseguiram vencer-nos. Zombamos, porém, por muito tempo de vosso poder.

Depois de um formidável grito saiu da fogueira.

— O que pensas que seria? — perguntou o sertanejo ao viajante.

— A dor da morte. — respondeu este.

– Qual – disse o sertanejo – era pior. O ladrão lá dentro ainda tentou adquirir vida e força e principiou a comer o braço da velha. Eis o motivo do grito. Não acabou, porém, porque caiu morto.

*

Eis, meu amigo, a triste história que te disse ser a mais terrível do que a precedente.

Não achas que é exato?



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes
Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur e Rosane Velloso
Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

